



O CONVIDADO

Vícios privados, públicas virtudes



NUNO VASCONCELLOS
Presidente e CEO da Ongoing

No âmbito do plano de recuperação económica e financeira do País, o Governo anunciou a necessidade de proceder à privatização de algumas empresas, constando entre elas a RTP.

Esta decisão gerou natural agitação porque, num país sem grandes razões económicas para sorrir, oportunidades de negócio como as que se adivinham são poucas e todos se colocam na linha da frente para ir a jogo.

Todos? Não! Quase todos!

No caso da RTP, as energias dos operadores parecem estar concentradas em impedir que exista privatização.

Porquê? Porque nos seus limitados argumentos, e no âmbito dos seus pequenos interesses, sustentam a teoria de que privatizar a RTP é criar mais um concorrente ao bolo publicitário, que já é diminuto e que, por isso, deve-

ria ser reservado para quem já está no mercado.

Estranha forma de estar!

Há privados que, não sabendo gerir as suas empresas, querem que seja o Estado a assegurar-lhes a sobrevivência. Isto à custa dos impostos que pagamos e que ano a ano são enterrados numa empresa estruturalmente deficitária. A RTP custa 365 milhões de euros por ano e acumulará uma dívida superior a 700 milhões de euros.

Como se explica a quem se corta o abono de família, metade do subsídio de Natal, a quem se encarece o dia a dia com o aumento do IVA, que a crescer a tudo isto ainda tem de pagar a existência de vários canais públicos de televisão, porque os privados do sector não querem que haja mais um concorrente ao bolo publicitário?

Como se explica aos contribuintes que, para que os accionistas da Impresa ou da Media Capital possam continuar a dizer que são proprietários, que gerem empresas e que são influentes no país – na política, no jornalismo, na própria economia –, têm de sacrificar o seu rendimento em benefício destes interesses que lhes são alheios e que prejudicam seriamente o interesse público?

Não se explica, porque é inexplicável.

Num momento em que todo o País se sacrifica e se mobiliza para ultrapassar esta gravíssima crise, é insultuoso que uns quantos queiram sobreviver, embora mal, à custa de terceiros.

Falemos claro sobre o que respeita à privatização da RTP.

Primeiro, a Ongoing é a favor da privatização da RTP – porque convive mal com o contínuo desperdício de fundos públicos numa empresa e num sector que não justificam tamanho esforço financeiro por parte dos portugueses.

Segundo, a Ongoing não vai à privatização da RTP – porque a televisão da Ongoing é a SIC.

Os accionistas da Ongoing são accionistas fundadores da Impresa, sendo esta a sua aposta de fundo.

Por isso, decidimos que enquanto formos accionista da Impresa – onde temos uma participação com um peso económico idêntico à do dr. Pinto Balsemão, mas sem os subterfúgios das *holdings* em cascata –, não vamos participar na privatização da RTP.

A Ongoing entende que a Impresa, no dia em que passar a ser bem gerida, pode e deve ser uma empresa lucrativa, sem que para tal necessite de utilizar formas arditosas de limitação da concorrência ou de obtenção de benefícios por parte do Estado.

Quanto à gestão da Impresa, a Ongoing, como accionista de referência, tem tido a atitude eticamente correcta: questiona por que razão a Impresa não distribui dividendos há mais de dez anos; por que razão a Impresa não apresenta resultados como os de outros operadores em situação de mercado semelhantes; por que razão a Impresa não contribui para o crescimento económico e para a criação de emprego.

O País não pode estar ao serviço de qualquer grupo privado. Se queremos mudar e reformar efectivamente, então há que evitar de uma vez por todas que uns certos e determinados supostos senadores da pátria se permitam colocar os seus próprios interesses à frente dos interesses dos portugueses.

Por mais voltas que procurem dar, o facto é que não há um único argumento que possa ser racionalmente sustentado contra a privatização da RTP, desde logo quando essa privatização representa o cumprimento daquilo que é o interesse do Estado.

O interesse da Ongoing, deixem-me sublinhar, é numa economia que gere riqueza para todos e não apenas para pagar más práticas estatais ou, pior, de privados. Portugal só vai para a frente quando se acabarem os interesses instalados.